

A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE PARA O PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA: UMA QUESTÃO ÉTICA E TÉCNICA

THE IMPORTANCE OF THE ANALYSIS FOR THE PSYCHOLOGY PROFESSIONAL: AN ETHICAL AND TECHNICAL QUESTION

CAMILA OTA DE **FREITAS**. Formada em Psicologia pelo Centro Universitário Ingá UNINGÁ.

Rodovia PR 317, 6114, Cep 87035-510, Maringá-PR. E-mail: cahrlota@gmail.com

RESUMO

Diante da importância do papel que o psicólogo desempenha durante a análise, o presente trabalho é uma revisão literária de caráter qualitativo tendo como base a teoria da psicologia analítica, no qual buscou-se descrever a importância da análise pessoal do psicólogo para a realização do seu trabalho, desmistificando a figura do analista como um ser superior, colocando-o assim como um sujeito atuante na prática terapêutica. O referido trabalho procurou propiciar a conscientização a respeito da importância de que o analista separe suas vivências pessoais dos conteúdos internos de seus pacientes, deixando assim explícito que a ferramenta que ele dispõe para que ocorra essa separação é sua própria análise pessoal. Para tanto, a figura do analista foi ressignificada de um ser superior para fundamentalmente um ser ético, que é consciente de suas fragilidades e que deste modo está sujeito a sofrer os efeitos dos fenômenos que norteiam a análise como a projeção, transferência e principalmente contratransferência. O esclarecimento destes fatores que compõe o processo terapêutico pela perspectiva do analista ajudou no esclarecimento acerca dos efeitos negativos que a não realização da análise por parte do analista acarreta na análise. Por fim, o analista no decorrer de sua formação deve ter internalizado a sua responsabilidade para com o analisando e assim buscar durante toda a sua vida profissional a procura pelo entendimento do seu próprio inconsciente para que não interfira de modo negativo na análise utilizando-se para tanto da análise pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Analista. Ética. Projeção. Transferência. Contratransferência.

ABSTRACT

Considering the psychologist role importance plays during the analysis, this paper is a qualitative literary review based on the theory of analytical psychology, in which it was tried to describe the importance of the psychologist's personal analysis for the accomplishment of its demystifying the analyst figure as a superior being, thus placing him as an active subject in therapeutic practice. This paper sought to raise awareness about the importance of the analyst, separating his personal experiences from the internal contents of his patients, thus making explicit that the tool he has for this separation to occur is his own personal analysis. For this, the figure of the

analyst has been re-signified of a higher being for fundamentally an ethical being, who is aware of its fragilities and it is a subject to suffer the phenomena effects that guide analysis such as projection, transference and especially counter transference. The clarification of those factors that composes the therapeutic process from the perspective of the analyst has helped to clarify the negative effects that the analyst's failure to perform the analysis entails in the analysis. Finally, the analyst in the course of their training must have internalized their responsibility to the analyst and thus seek throughout their professional life, understanding their own unconscious so that it does not interfere in a negative way in the analysis using for both of personal analysis.

KEY-WORDS: Analyst. Ethic. Projection. Transfer. Counter transference.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa elucidar a importância do analista a fazer análise pessoal, já que este é um tema de suma importância no campo da psicologia, fazendo com que seja merecedor de intensas análises, discussões e estudos.

A pesquisa tem por finalidade descrever a importância da análise pessoal do psicólogo para a realização do seu trabalho, visto que este é um tema pouco abordado na formação dos psicólogos. Os centros de formação dão maior enfoque na transferência do analisando para com o analista, deixando assim de lado a contratransferência o qual o analista também projeta seus conteúdos internos para o paciente, o que se ignorado na análise pode acarretar efeitos negativos. Jung (2013, p. 18), embora julgue ter sido o primeiro a levantar a exigência de análise para o próprio analista, considera ser:

a Freud que devemos principalmente a inestimável descoberta de que os analistas também têm complexos, e, portanto, um ou mais pontos cegos, que atuam como outros tantos preconceitos. O psicoterapeuta aprendeu isso com os casos em que não conseguia mais interpretar e conduzir o paciente do alto de sua suficiência ou do alto de sua cátedra, abstraindo sua própria personalidade, mas percebia que sua maneira ou atitude particular estava impedindo a cura do paciente.

Assim, evidencia-se que esse processo de reconhecimento por parte do analista é importante no sucesso da análise e uma ferramenta que dispõe para o reconhecimento dessa contratransferência é a análise pessoal do próprio analista.

Para discorrer sobre o assunto, foram especificados os vários fatores que influenciam o processo terapêutico, sendo eles: a falta de análise pessoal interfere na escuta do profissional, a compreensão de como se dá a formação do psicólogo, a consciência ética é necessária para o desenvolvimento do analista enquanto profissional da psicologia, além do esclarecimento desses

fatores também buscou a explicação dos fenômenos da projeção, da transferência, e da contratransferência do *setting* analítico, assim buscou-se de forma clara descrever a importância da análise do psicólogo, os vários pontos que norteiam essa escolha e as implicações que podem surgir durante o processo.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido para descrever a importância da análise pessoal do psicólogo para a realização do seu trabalho. Para a sua construção, a metodologia classificada é de caráter bibliográfico. Segundo Gil (2007), a pesquisa bibliográfica se dá por meio de investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca do problema.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002).

A pesquisa é de caráter qualitativo, tendo por finalidade o aprofundamento da compreensão de uma metodologia própria, porém com um valor simbólico que leva a pesquisa aos fatos, estes por diferentes abordagens. A pesquisa emerge um modo exploratório, estimulam os pesquisadores a discorrer sobre conceitos, levando a aspectos subjetivos que não se prendem a quantidades e a números. A investigação qualitativa, ao contrário, trabalha com *valores*, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993).

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (DENZIN; LINCOLN et al. 2006).

A primeira etapa do projeto consiste em realizar pesquisas em sites de cunho acadêmico, com palavras chaves como, analista, ética, projeção, transferência, contratransferência que possibilitou uma melhor compreensão acerca do que seria desenvolvido. Nesta fase, de coleta e acúmulo de dados, foram utilizadas ferramentas de pesquisa como: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google acadêmico, PePSIC (Periódicos eletrônicos de psicologia), banco de teses da USP (Universidade São Paulo), entre outros.

Posteriormente, utilizando os materiais previamente pesquisados e selecionados referente ao tema do projeto, foram realizadas leitura e fichamento de artigos, buscando aspectos básicos da pesquisa, para que assim, com um conjunto grande de informações discorrer sobre o tema focando em responder e solucionar os problemas de pesquisa. Como ocorre o papel da transferência durante a análise e também a ferramenta para que ocorra uma contratransferência positiva entre analista e analisando.

Deste modo, alinhando a técnica bibliográfica com os objetivos, faz com que a pesquisa seja clara.

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho tem por finalidade descrever a importância da análise pessoal do psicólogo para realização do seu trabalho, para isso é importante identificarmos os pontos que norteiam a formação do profissional.

Segundo Mazer e Melo-Silva (2000), a construção do profissional começa na graduação em um conjunto complexo de experiências internalizadas que vão desde adoção de valores, visão de mundo, comportamentos e mais do que isso, é nesse momento que se processa a compreensão do que é ser psicólogo. O alicerce fundamental da profissão deve ser ajudar as pessoas por meio de uma relação direta e interpessoal com o sujeito que permite conhecê-lo e compreendê-lo em sua essência.

Outro ponto importante na formação do psicólogo é a desconstrução da idealização da profissão, o analista ingressa na profissão com a expectativa e ilusão de que uma vez tendo o domínio da teoria e da técnica isso será o suficiente para a realização do trabalho analítico, porém mais do que o domínio da técnica, Souza e Teixeira (2004) ressaltam que o profissional deve ter a capacidade para amar e suportar as agressões e os fracassos surgidos ao longo da análise. Assim, o analista deve se dedicar ao analisando sem visar os resultados finais.

Ao longo da sua formação, o psicólogo desenvolve a sensibilidade de perceber que a sua formação é mais complexa do que se supunha. Segundo Souza e Teixeira (2004), é importante que o psicanalista antes de se colocar nesta posição tenha se colocado na posição de paciente, assim ele coloca que a formação não se dá por uma vocação e sim por um processo de construção.

Leviski (citado por Outeiral, 1995) pondera que quanto mais profunda tenha sido a análise pessoal, maiores serão as possibilidades de o analista compreender os conteúdos mais remotos da mente do seu paciente. No entanto, para que isto ocorra, é necessário que este profissional tenha entrado em contato e elaborado os seus conteúdos conflituosos, “pois se estes não forem resolvidos podem ser projetados inconscientemente sobre o paciente”. (SOUZA; TEIXEIRA, 2004, p. 3)

Ainda sobre as qualidades de um bom psicólogo, Souza e Teixeira (2004) apud Grinberg (1975) colocam que a análise pessoal é indispensável para o analista devido à sobrecarga que enfrenta no exercício de sua atividade, porém, também é necessário que o analista tenha qualidades como conhecimento, intuição, talento e empatia.

Então, o analista deve ter a consciência da responsabilidade do seu papel, dessa maneira ele deve estar sempre preparado teoricamente e tecnicamente não só no período de graduação como também em todo período em que estiver exercendo a sua função, já que o analista assume um papel de ajuda perante seu paciente.

Quando se fala em ética, é importante saber o real significado dessa palavra, de acordo com Lima Vaz (1999), o termo ética vem do grego *ethos*,

que significa abrigo, morada e nele há duas perspectivas, uma do singular que é a relação que a nossa razão estabelece com o *pathos* (desejo) e que determina o nosso caráter, e a outra diz respeito ao outro, a relação intersubjetiva, ou seja, a relação com o outro.

Segundo Oliveira (2007), deve-se diferenciar a ética do direito, enquanto a ética é algo que nos leva a refletir sobre nossa visão de mundo e como isso reflete em nossas ações tanto na questão individual quanto coletiva, o direito tem um caráter normativo e punitivo, o qual não se consta nenhuma regra ou obrigação em que o analista tenha que fazer análise pessoal para desempenhar a sua função. Diante disso, pode-se afirmar que o código de ética, apesar do nome, está no campo do direito com caráter normativo e punitivo. O autor destaca que:

ao agir assim, as escolas de psicologia excluem, da formação do psicólogo, a razão prática, o saber ético e político, que nos possibilita uma reflexão sobre o nosso modo de ser, viver e conviver como sujeitos, profissionais e cidadãos. Mas e o código de ética? Não seria ele suficiente para o psicólogo lidar com as questões inerentes ao seu agir profissional? Não basta cumprir o que ali está estabelecido? Ora, o código de ética não é ético, ele é da ordem do direito, da coerção. Trata-se de deontologia, de deveres profissionais a serem cumpridos. Suas normas são da ordem da heteronomia e não exige uma convicção pessoal. (OLIVEIRA, 2007, p. 5).

Dessa forma, o analista não deve restringir a sua prática ao que está escrito no código de ética, pois por ter um caráter legislativo, não abrange toda necessidade da prática analítica, ou seja, não consta a necessidade de o analista estar em análise mesmo que vários autores de diversas linhas teóricas deixarem claro em suas obras a real necessidade da análise.

Nesse sentido, conclui-se que o analista deve ser um ser ético na medida em que ele escolhe o caminho a seguir para chegar ao objetivo de ajudar o seu analisando, e nessa construção ele deve se colocar na posição do outro, ou seja, na posição de analisando fazendo se cumprir a sua própria análise. Com isso, segundo Oliveira:

ora, uma coisa é o indivíduo, por temer uma punição, fazer com que suas ações correspondam a uma norma moral ou um código de ética, outra, é ele chamar para si a responsabilidade de suas ações tomando como valor a dignidade humana ou como aponta Hans Jonas, que essas ações tenham a responsabilidade, não só para consigo mesmo e com geração atual, mas com as gerações futuras. (OLIVEIRA, 2007 p. 5).

Até agora, foram pontuados os aspectos éticos de formação do analista para se colocar a importância da análise pessoal, mas para entendermos a totalidade dessa importância devemos ter clareza dos aspectos técnicos que

tangem o *setting* terapêutico. Para isso, deve-se ter um entendimento sobre projeção, transferência e contratransferência.

Pacini (2010) coloca que o fenômeno da projeção está presente tanto na teoria junguiana quanto na freudiana, mas com grandes diferenças entre elas. No que consiste o conceito de Jung, se mostra contraditório sobre o tema, porém, para o autor Gambini (1988) foi o que mais se aproximou do conceito, segundo ele:

Começamos perguntando o que é projeção. Em primeiro lugar, é um fato que ocorre involuntariamente, sem qualquer interferência da mente consciente, quando um conteúdo inconsciente pertencente a um sujeito (um indivíduo ou grupo) aparece como se pertencesse a um objeto (outro indivíduo ou grupo ou o que quer que seja, desde seres vivos até sistemas de ideias, a natureza ou a matéria inorgânica). Como isso ocorre involuntariamente e inconscientemente, o sujeito não sabe que uma projeção está ocorrendo, da mesma forma como é incapaz de produzi-la ou impedir. (GAMBINI, 1988, p. 36)

Pode constatar-se na fala de Gambini (1988) que a projeção deve ser entendida como um fenômeno inconsciente e autônomo não podendo ser controlado, partindo de algo que independe da vontade tanto do analista quanto do analisando. Ainda, para Jung as projeções estão intimamente ligadas também aos arquétipos mais primitivos da humanidade, estes estão sempre no inconsciente sendo conteúdos mais suscetíveis a projeção, isso se evidencia na fala de Jung:

Se realmente existe um inconsciente que não é pessoal, [...], então deve haver necessariamente processos intrínsecos a esse Não-Eu, acontecimentos arquétipos espontâneos que só podem ser capitados pela consciência através de projeções. [...]. Ele se manifesta nas fantasias, nos sonhos e alucinações, bem como em certos estados de êxtase religioso. (JUNG, 1990 p. 155).

Segundo Pacini (2010), fica evidente que a importância da projeção se dá ao fato de que é por meio desse fenômeno que os conteúdos arquétipos poderão ser trazidos à consciência.

Uma diferença entre Freud e Jung, no que se refere ao fenômeno da projeção, é que enquanto para Freud a projeção se dá como uma forma de proteção do ego, para Jung esse fenômeno não é algo patológico, mas sim uma forma natural de expressão do inconsciente, além disso, tem que se ter em mente que a projeção é um processo de constante movimento e que segundo Jung a patologia da projeção está quando este movimento se paralisa e se fixa em determinado momento não atingindo a sua última etapa que seria o recolhimento e a integração.

Apesar de Jung retirar o caráter patológico da projeção, vale ressaltar que vários autores da linha junguiana tratam com ressalvas esse fenômeno.

Von Franz (1999), coloca que se deve falar em projeção somente quando a imagem do sujeito em relação ao objeto trazer perturbação ao seu ajustamento de forma nítida, mas deve-se ter em mente que a projeção não é o problema em si, pois como já foi dito anteriormente, o fenômeno da projeção é um caminho que deve se iniciar para ser cumprida e para ser integrada, quando essa integração não acontece é que reside o problema.

Com o que foi discutido anteriormente, pode-se perceber que a relação entre sujeitos do analista e analisando não tem como ficar imune ao processo de projeção, o que notadamente para Jung não é um problema, apenas um fenômeno natural que acontece entre as relações, e o que para Freud é sim um problema, pois a projeção se dá por meio da transferência e contratransferência, ou seja, para Freud essa projeção se dará por meio da transferência que seria a mais forte resistência ao tratamento ligada diretamente a neurose, pode-se então concluir que apesar de Jung e Freud discordarem sobre o conceito os dois colocam que os conteúdos projetados são do inconsciente, assim evidencia-se a necessidade de terapia por parte do analista, pois, sendo conteúdos inconscientes projetados, ele pode não perceber a sua influência durante a análise.

Para melhor entendimento desse processo, é importante ter clareza sobre o fenômeno da transferência e da contratransferência.

Para se falar desses conceitos, podemos caracterizá-los na relação analista e analisando, pois, nesta relação fica evidente a ocorrência deste fenômeno. Como Jung (2007) coloca que a relação analista e analisando é fundada no inconsciente de ambos é mais do que esperado que esta relação também se dê por meio da transferência e contratransferência, pois estas também residem no inconsciente e estão presentes em qualquer tipo de relação, para tanto, deve-se sempre ter em mente que os conteúdos da transferência e contratransferência são autônomos e espontâneos, não podendo assim ser manipulados.

Para Hall (2000), a transferência e a contratransferência seriam um campo de transformação. Diante disso, é possível constatar que a análise pessoal do analista se torna essencial já que se a contratransferência se dá de uma forma inconsciente, o analista não a perceberá, impedindo que as projeções caminhem para a elaboração, ficando fixado em determinado momento, como já foi visto anteriormente, essa fixação é onde reside a problemática e o que impediria o sucesso da análise. Sendo assim, o analista deve estar disposto a se expor e se transformar. Segundo Whitmont (1994):

Nossas constelações inconscientes básicas são, portanto, potencialmente reconhecíveis no encontro pessoal com o terapeuta. A disposição do terapeuta para aceitar a transferência e sua capacidade para compreendê-la e também a suas próprias reações emocionais (contratransferência) fornecem o espaço capacitador que traz a luz não apenas os elementos neuróticos, mas principalmente os elementos críticos, de desenvolvimento e de resolução. (WHITMONT, 1994, p. 267)

Segundo Pacini (2010), o conceito de contratransferência foi tratado primeiramente por Freud que o colocava como algo negativo, para ele os conteúdos do analista não deveriam influenciar os conteúdos do analisando. Já para a Psicologia Analítica, isso é parte fundamental durante a análise, pois esse distanciamento entre analista e analisando indica uma falta de envolvimento que impediria o movimento que a projeção precisa para ser elaborada.

Ainda de acordo com Pacini (2010), a projeção exercida pela contratransferência é importante durante a análise para que caminhe para o sucesso, desde que o analista esteja disposto a ter um autoconhecimento com a finalidade de perceber quando seus conteúdos inconscientes estão sendo ativados, assim todos os conteúdos que aparecerem durante a análise serão aceitos para serem trabalhados.

Pacini (2010) afirma que a contratransferência é o momento em que a transferência atinge o ponto vulnerável do analista, por isso é importante que o mesmo esteja atento e disposto a conhecer seus conteúdos, conflitos, complexos inconscientes, para que dessa forma poder reconhecê-los e trabalhá-los para que haja elaboração deles, e assim se torne o ponto de transformação da análise. Assim, conclui-se que a negação desse fato por parte do analista poderia inevitavelmente trazer danos reais ao processo terapêutico. Jung (1991, p. 19) assevera que o trabalho analítico conduziria mais cedo ou mais tarde ao confronto inevitável entre o eu e o tu, e o tu e o eu, muito além de qualquer pretexto humano. Assim, é provável e necessário que tanto o paciente quanto o médico “sintam o problema na própria pele, ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo”.

A análise pessoal do analista vem para o que for projetado do inconsciente, seja identificado pela consciência da maneira mais colaborativa possível com a finalidade de atuar de forma positiva e não negativa. Então, não deve haver medo das reações aos conteúdos trazidos pela contratransferência, não se deve evitá-los, muito pelo contrário, deve-se percebê-los, implicar-se no processo, relatando-as e interpretando durante a análise pessoal.

Pacini (2010) destaca a importância de buscar o vínculo e a aliança terapêutica, cujo em um primeiro momento, o analista deve ajudar o paciente a compreender seu sofrimento, já num segundo, momento o analista estará envolvido com a psicopatologia do paciente, neste momento onde o vínculo já estará forte, já terá ocorrido projeções sobre o paciente e assim se terá iniciado os processos inconscientes existentes nessa relação dialética. A diferença entre o analista e o analisando está que o analista estará preparado para lidar com as operações dos seus elementos inconscientes, desde que ele tenha levado para análise pessoal seus conteúdos e assim estará familiarizado com o aspecto da análise chamado contratransferência. Pacini (2010) afirma novamente a função da necessidade da análise pessoal:

permitir que o analista esteja em contato permanente com sua alma. Não é exigida para que evite sentir, desejar ou vivenciar. Porém, é

importante para que a contaminação psíquica inevitável ao processo analítico seja olhado com atenção e não se torne uma ação tão desligada da individuação do paciente [...] (p. 37-38).

Jung (1985) aponta ser um grande erro do analista se achar isento da influência que o seu paciente tem sobre si, o máximo que pode acontecer é ele ter consciência do fato de estar afetado e se isso não acontecer, ele estará tão indefeso que começará a ser levado por esse fator. E ainda, segundo Gambini (2008), o analista pode se enganar, se equivocar a respeito do seu analisando, por isso é tão importante que o mesmo esteja disposto a perceber os equívocos durante a análise e voltar atrás reconhecendo o erro e assim, colocando o paciente sempre em primeiro lugar e visando o seu benefício. O analista expõe a contratransferência e por meio da análise pessoal busca o seu entendimento.

DISCUSSÃO

O presente trabalho teve a intenção de descrever a importância da análise pessoal do psicólogo para a realização do seu trabalho, pois ele deve se reconhecer como um sujeito que, apesar de ter o conhecimento teórico e técnico da psicologia, continua sendo um sujeito com suas próprias singularidades, conflitos e subjetividades e que estas vão estar em contato com os aspectos psíquicos do seu paciente, numa relação dialética em que os dois inconscientes estarão atuando um sobre o outro.

Assim, o psicólogo deve se desprender de qualquer aspecto onipotente, de detentor do saber e se colocar como um sujeito dialético e ético, que assim como o seu analisando também está sujeito as transformações advindas da terapia.

CONCLUSÃO

Diante da revisão literária, percebe-se, nas referências utilizadas, que o analista e o analisando estão sempre em uma conversa inconsciente e que assim é de suma importância que ambos estejam conscientes de que seus conteúdos psíquicos estão presentes durante toda terapia, o que torna imprescindível que o analista faça sua análise pessoal para que esteja apto a trabalhar seus próprios conteúdos e que dessa forma não interfiram de maneira negativa durante a análise.

Apesar de Freud e Jung discordarem em muitas coisas, ambos reconhecem a importância da análise por parte do analista, pois há o reconhecimento de que conteúdos inconscientes interferem no processo terapêutico, e quando o analista se coloca de maneira superior ao seu analisando e se considera inatingível aos conteúdos que o seu analisando deposita sobre ele, o que acontece é a não realização plena do processo terapêutico.

O psicólogo, antes de mais nada, deve ser um sujeito ético que se reconhece como um sujeito falho que está sempre suscetível a influência do

outro sobre si mesmo, assim conclui-se que o analista deve também ser o analisando.

REFERÊNCIAS

DENZI, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAMBINI, Roberto. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, James. A. Sonhos e transferência/contratransferência: o campo transformador. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência e contratransferência**. São Paulo: Cultrix. 2000.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. 16. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis Vozes, 2013.

JUNG, C. G. (1990). **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia**. 4 ed. Petropolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G. (1971), **Ab-reção, análise dos sonhos, transferência**. 6 ed. Petropolis: Editora Vozes, 2007.

JUNG, C. G. (1991). **Psicologia e alquimia**. 4 ed. Petropolis: Editora Vozes, 2009.

VAZ, Henrique C. Lima. **Escritos de filosofia IV**. São Paulo: Loyola. 1999

MAZER. M.S.; MELO-SILVA L. **Identidade Profissional do Psicólogo: Uma revisão da produção científica no Brasil**. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2000 jun. p. 276 - 295. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n2/v30n2a05>> Acesso em: 13 abr. 2017.

MINAYO, M.C. e SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade?** *Cadernos de Saúde Pública* 9(3) julho- setembro 1993, p. 239 - 262.

OLIVEIRA J. F. **Ética e técnica na formação do psicólogo**. In: XI Colóquio

Internacional de Psicossociologia e Sociologia clínica, 1982 – 2944., 2007, Minas Gerais. Anais...Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

PACINI, A. F. **Aspectos sobre a transferência e a contratransferência sob um olhar junguiano.** Disponível em:
<<http://www.symbolon.com.br/monografias2.htm>> 27 jun. 2017.

PSICOLOGO, **Código de ética profissional do,** - In XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2005.

SOUZA, M. M.; TEIXEIRA R.P. **O que é ser um “bom” psicoterapeuta?** Aletheia, Canoas n.20, dez. 2004. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942004000200006.> Acesso em: 13 abr. 2017.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 1999.

WHITMONT, Edward. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.